

**ENTRE O MEDO E A OUSADIA:
EDUCANDO-SE NA PRÁTICA DA PROSTITUIÇÃO***

**BETWEEN FEAR AND A DARE:
EDUCATING IN THE PRACTICE OF PROSTITUTION**

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v18n1p61-68

Resumo

Este artigo é fruto de investigações desenvolvidas em diálogo com mulheres prostitutas de casas noturnas da cidade de São Carlos e com prostitutas que participam de associações da categoria, nas cidades de Belo Horizonte, Campina Grande, João Pessoa e Recife. As reflexões, ora apresentadas, foram formuladas durante o desenvolvimento de pesquisas de doutoramento e pós-doutoramento em educação, com o objetivo de descortinar e compreender processos educativos consolidados na prática da prostituição. Os referenciais da Educação Popular e da Fenomenologia configuraram-se como aporte teórico-metodológico para o levantamento e análise dos dados obtidos a partir do convívio com mulheres que prestam serviços sexuais. A metodologia adotada possibilitou a suspensão de preconceitos e o desvelamento de autoimagens positivas criadas pelas participantes da pesquisa que favorecem a percepção dessas mulheres no processo de busca por ser mais, em contraposição ao imaginário social que tende a retratá-las como vítimas destituídas de agência.

Palavras-chave: Prostituição. Educação Popular. Fenomenologia. Processos educativos.

Abstract

This article is based on researches conducted in the dialogue with prostitutes of nightclubs in São Carlos and prostitutes who participate in associations of the category, in the cities of Belo Horizonte, Campina Grande, João Pessoa and Recife. The reflections presented here were formulated during the researches development with intent to uncover and understand educational processes consolidated in prostitution. The references of Popular Education and Phenomenology were used in the process of collecting and analyzing the data obtained. The methodology enabled the suspension of biases and the unveiling of positive images created by research participants who favor the perception of these women in the search process to be more, as opposed to the social imagination that tends to portray them as victims devoid of agency.

Keywords: Prostitution. Popular Education. Phenomenology. Educational processes.

*Este artigo é uma versão revisada de comunicação oral apresentada no XI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, em outubro de 2014.

Fabiana R. de Sousa

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNISAL). Americana – SP/Brasil.

E-mail: fabiana.sante@am.unisal.br.

Introdução

Este artigo é fruto de investigações desenvolvidas em diálogo com mulheres que exercem prostituição em casas noturnas de São Carlos e com prostitutas militantes que participam de associações da categoria (APROSMIG localizada na cidade de Belo Horizonte/MG, o CIPMAC localizado em Campina Grande/PB, a APROS-PB em João Pessoa/PB e a APPS localizada em Recife/PE). As reflexões, ora apresentadas, foram formuladas durante o desenvolvimento de pesquisas de doutoramento e pós-doutoramento em educação¹ com objetivo de descortinar e compreender processos educativos consolidados por prostitutas na prática da prostituição.

Com base nos aportes teórico-metodológicos da Educação Popular e da Fenomenologia existencialista, pesquisadora e mulheres prostitutas (militantes e não militantes) buscaram compreender como mulheres se educam ao tomarem parte da prática da prostituição. Cabe ressaltar que o termo prostituição é empregado, aqui, para referenciar a prestação voluntária de serviços sexuais por mulheres adultas mediante acordo prévio com a clientela acerca de tempo, tipo de serviço e pagamento pelo programa realizado. Nessa definição, a prática da prostituição figura como estratégia de inserção socioeconômica e não como forma de exploração sexual, posto que as participantes da pesquisa tenham afirmado que entendem a atividade exercida como trabalho sexual, ressaltando que o ingresso e permanência nessa atividade são voluntários e não resultado de coerção de outrem.

A metodologia das pesquisas realizadas teve o diálogo, a suspensão e a convivência como fios condutores. Nesse sentido, a trajetória da pesquisa foi organizada com intuito de possibilitar momentos de conversa com as participantes da pesquisa sobre suas percepções acerca da atividade exercida com vista a compreender os significados que elas atribuem à sua prática. A postura dialógica demanda disponibilidade para pronunciar o mundo com o outro, exige o exercício da intersubjetividade e uma escuta atenta do que as pessoas têm a dizer (FREIRE, 1970).

A convivência com essas mulheres desvelou que o fazer pesquisa com prostitutas requer o desenvolvimento

¹ Pesquisa de doutoramento (2009/15896-4) concluída em 2012 e pesquisa de pós-doutoramento (2012/17073-8), em desenvolvimento. Ambas as investigações contaram com fomento da FAPESP.

de paciência para que seja possível fazer a leitura de gestos e sinais apresentados por elas por meio de sua corporeidade. Essa leitura requer proximidade das participantes da pesquisa e exige “um gesto de interrupção” que, conforme aponta Larrosa-Bondía (2002: 24) consiste em “parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião” e “cultivar a atenção”.

Suspender preconceitos e *ir as coisas mesmas*² são habilidades fundamentais para aqueles que almejam desenvolver trabalhos em diálogo com grupos marginalizados, como os compostos por prostitutas. Tendo em vista que essa atividade, historicamente, vem sendo alvo de estigma e discriminação, algumas representações e estereótipos acerca das prostitutas também habitam o imaginário dos pesquisadores, por isso quem almeja realizar investigações com pessoas que exercem prostituição deve atentar constantemente para sua postura, seja em campo no momento de interagir com as pessoas participantes da pesquisa ou fora dele no momento de organizar e analisar os dados.

A partir de 2002, no Brasil, há uma crescente produção de trabalhos pautados no diálogo com prostitutas, os quais visam desvelar os significados que essas mulheres atribuem à sua prática, neles a prostituição é focalizada em detrimento da exploração sexual. A prostituição passa a ser contextualizada na indústria do sexo e são abordados temas como direitos humanos, sexualidade, legislação e regulamentação do ofício da prostituta, processos educativos, turismo sexual, deslocamentos, organização de prostitutas, dentre outros (CASTILHO, 2008; FONSECA, 2004; OLIVAR, 2010, 2011, 2013; PASINI, 2005; PISCITELLI, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2013; SIMÕES, 2010; SOUSA, 2007, 2012).

De acordo com Leite (2009) a instauração do diálogo entre prostitutas e membros da comunidade acadêmica contribui com o questionamento da perspectiva vitimizante acerca das prostitutas. Tal perspectiva era sustentada por alguns pesquisadores que, por vezes, procuravam essas mulheres com intenção de confirmar

² Termo cunhado na fenomenologia que consiste em retomar o contato direto com o mundo (pré-reflexivo), isto é, apreender as experiências da forma como são vividas e percebidas, antes mesmo de tornarem-se alvo da reflexão. E suspensão alude ao movimento de *epoché*, ou seja, à postura do pesquisador de olhar atentamente para o fenômeno investigado procurando se despir de referenciais teóricos prévios a fim de apreender o que se mostra tal como se apresenta nas experiências vividas (MERLEAU-PONTY, 2006).

teses previamente estabelecidas (nas quais as prostitutas figuravam como coitadinhas, como pessoas sem estrutura familiar ou como drogadas, delinquentes ou ninfomaníacas). Por meio da inserção em contextos de prostituição, da conversa com prostitutas e de observações em campo, paulatinamente, vai sendo questionada essa tendência em retratar a prostituta como vítima.

Nota-se, portanto, um deslocamento de foco que pode ser observado em perspectivas que não consideram prostitutas vítimas e nem vilãs, mas como pessoas dotadas de agência (PISCITELLI, 2005). Ser agente implica na capacidade de “criar uma diferença” e influenciar o curso de eventos preexistente, ser capaz de “atuar de outro modo” o que implica em intervir no mundo. Nessa perspectiva toda forma de dependência fornece recursos por meio dos quais os subordinados podem influenciar as atividades daqueles que os subordinam (GIDDENS, 2009: 17).

A vocação ontológica de Ser Mais

O entendimento de que as pessoas se educam ao longo da vida, nas interações estabelecidas nas distintas práticas sociais de que tomam parte (OLIVEIRA et al., 2014) está em consonância com a assertiva de Freire (2003: 21) de que “não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais para de educar-se”. Os saberes de experiência consolidados no interior de tais práticas constituem-se como referências por meio das quais os seres humanos fazem a leitura de si e da realidade e se engajam na busca por sua completude, posto que os seres humanos sejam seres inacabados e, tendo ciência de sua incompletude, engajam-se permanentemente na busca por Ser Mais (FREIRE, 1970).

Imbuída nas contribuições advindas da obra do educador Paulo Freire é possível constatar que, para mover-se no espaço e no tempo com intenção de cumprir a vocação ontológica de Ser Mais, as prostitutas precisam envolver-se permanentemente no domínio político, de modo a refazer as estruturas sociais e econômicas em que se dão as ideologias e as relações de poder e a criar condições que favoreçam sua humanização. Esse movimento vem sendo traçado por essas mulheres, a

partir de 1987, quando foi realizado o I Encontro Nacional de Prostitutas na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Moraes (1995), o objetivo desse encontro consistiu em fomentar o surgimento de associações de prostitutas em diversos pontos do país, favorecendo a articulação de uma rede de contato e intercâmbios para reivindicar direitos sociais.

Freire (1981, 2003) alerta-nos, ainda, que é no domínio da existência (do trabalho, da cultura, da história, dos valores) que o ser humano vai experimentando a dialética entre determinação e liberdade.

A existência não é desespero, mas risco. Não posso ser se não existo perigosamente. Mas, se a existência é histórica, o risco existencial não é uma categoria abstrata, senão histórica também. Isto significa que, se existir é arriscar-se, onde quer que a existência se dê, as formas de arriscar-se bem como a eficiência no arriscar-se não podem ser as mesmas em diferentes espaços e tempos (FREIRE, 1981: 93).

A realidade histórico-social condiciona, pois a percepção dos riscos e os modos das pessoas se arriscarem. Essa compreensão é essencial na pesquisa com mulheres prostitutas, já que a prostituição costuma ser retratada enquanto uma prática marcada por riscos (uso de drogas, possibilidade de sofrer violência, de contrair uma infecção sexualmente transmissível, dentre outras). A convivência com prostitutas permite observar que essas mulheres percebem esses riscos de maneira distinta daquela apreendida por pessoas que não se ocupam dessa atividade. Ratificando essa compreensão, o estudo etnográfico desenvolvido por Martin (2003) com prostitutas da cidade de Santos/SP aponta que o conceito de risco não é capaz de explicar o comportamento dessas mulheres sem que se faça um movimento no sentido de desvelar a lógica subjacente a esse grupo, ou seja, faz-se necessário a apreensão da leitura de mundo dessas mulheres.

É importante destacar que o medo e a percepção de riscos são características da sociedade moderna e, portanto, não se fazem presentes somente na prática da prostituição. Posto que, como resultado do individualismo moderno, há uma crescente dificuldade em confiar nas pessoas e alastra-se a suspeita em relação aos outros e de

suas intenções. Bauman (2009) aludindo à obra de Robert Castel advoga que:

[...] a sociedade moderna – substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessas regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade (BAUMAN, 2009: 16).

A tônica de que o perigo está em toda parte também marcou os depoimentos de participantes de pesquisa de doutorado desenvolvida com prostitutas de casas noturnas de São Carlos. Quando questionadas sobre como se educam na prática da prostituição, as mulheres destacaram que na noite³ elas se educam “com o pé atrás”. Ficar com o pé atrás consiste em lançar mão da dúvida e fazer uso da intuição e da imaginação visando a apreender as intenções das pessoas que delas se aproximam tais como clientes, parcerias afetivas, colegas de ocupação, pesquisadores, profissionais da saúde, dentre outras (SOUSA, 2012).

Essa postura de ficar com o pé atrás se configura como estratégia empregada por essas mulheres com intuito de identificar possíveis consequências das interações estabelecidas, posto que no exercício de sua atividade seja preciso “confiar desconfiando”, conforme observa Olivar (2013) ao referir-se ao depoimento de uma prostituta nordestina proferido, no IV Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas, em 2008. Na ocasião, a prostituta ressaltou que em cabarés, ruas e demais contextos de exercício do trabalho sexual, elas sempre confiam desconfiando.

Esse movimento de confiar desconfiando indica que as prostitutas se encontram numa constante busca por equilíbrio entre o medo que resulta da percepção de riscos relativos ao trabalho sexual e a ousadia em vivenciar novas experiências (obter renda para adquirir independência financeira, possuir múltiplos parceiros sexuais, viajar, conhecer novas pessoas e lugares etc.). Esse movimento não deve ser percebido como sinônimo

3 Termo êmico empregado pelas prostitutas de casas noturnas de São Carlos para aludir ao tempo-espaco na prática da prostituição. Já as mulheres das associações de prostitutas de Belo Horizonte, Campina Grande, João Pessoa e Recife costumam empregar o termo ‘na batalha’ com o mesmo sentido.

de imobilismo, posto que, se por um lado a desconfiança seja fruto do medo e da introjeção da opressão, por outro, aguça a intencionalidade, isto é, a abertura da consciência voltada a desvelar o inédito viável⁴.

Prostitutas entre o medo e a ousadia

As mulheres participantes da pesquisa mencionaram que o ingresso na prática da prostituição, comumente, é marcado pelo medo do que ainda não conhecem, já que a maioria das participantes afirmou que pouco conhecia sobre a prestação de serviços sexuais antes do ingresso na atividade. Fernanda, uma das participantes da pesquisa de doutoramento, destaca:

[...] tanto que quando eu entrei, eu não sabia nada! Assim, até sexo oral eu cheguei a fazer sem camisinha porque eu achava que era normal, você tá entendendo?! Depois de um tempo que eu estava na noite é que eu fui conversando, que eu comecei a ir ao ginecologista, é que eu fui saber que sexo oral tem que fazer com camisinha. E eu comecei assim.

O medo é gerado pela percepção de que no exercício do trabalho sexual existem regras peculiares que regulam a organização da atividade e as relações que se estabelecem no sentido de canalizar a oferta e a demanda de serviços sexuais. No entanto, quando se é novata na atividade, nem sempre fica claro o que pode ou não ser feito. Nesse sentido, Fernanda revela:

A coisa mais difícil foi quando eu comecei porque eu não sabia muito, aí os homens já falavam um monte e eu ficava quieta. Mas hoje, os homens que vêm aqui [...] ficam quietinhos, porque a gente não aguenta mais humilhação não, quer ir quer ir, não quer ir não quer, a gente fala que não tá passando fome não.

Os depoimentos de Fernanda demonstram que ela desconhecia os macetes da negociação com a clientela e por esse motivo, quando recém ingressa na prática da prostituição acabava por atender às solicitações dos clientes. Outras mulheres relataram que, assim como

4 Termo cunhado por Freire (1970) para referenciar o devir, uma situação nova e ainda não experimentada, mas que pode ser obtida pela ação dos seres humanos no mundo a ser transformado.

Fernanda, também acreditavam que deveriam acatar todas as solicitações da clientela, no entanto, com o tempo e por meio das conversas com prostitutas mais experientes foram aprendendo a negociar com a clientela, aprendendo a explicitar o que fazem e o que não fazem durante o programa, bem como a dizer não ao cliente. O depoimento de Flávia, mais uma participante da pesquisa de doutoramento, ilustra como foi aprendendo por meio da observação da prática de prostitutas mais experientes.

Mas antes era mais complicado, antes eu não conseguia conversar com os homens. Daí acaba, vamos supor estamos eu e ela, nós duas sentamos juntas na mesa do cliente, daí eu vou vendo, vou conseguindo pegar o ritmo da conversa, vou vendo o jeito que ela está se comportando para ter um pouquinho mais de ideia.

Além do medo de ingressar numa prática social marginalizada sem ter clareza das normas e condutas aceitas pelos atores que atuam em contextos prostitucionais, as participantes declararam que também sentem medo de sofrer violência física e/ou simbólica. Boa parte das mulheres mencionou ter sofrido ou conhecer alguma colega de trabalho que sofrera violência por parte de clientes, prostitutas ou pessoa proprietária de casa noturna. Glória, participante da pesquisa de pós-doutoramento, comenta sobre o medo de morrer:

Vai que (*referindo-se ao cliente*) é um psicopata ou um louco aí, que quer só fazer maldade, porque nós vemos vários casos aí de prostituta morta, espancada, estuprada, né? Deus me livre, a gente pensa em tudo. Bom, eu pelo menos penso mais nisso. Eu acho que o meu medo mesmo é de morrer na rua, sabe? Desses caras, de judiar de mim ou alguma coisa assim.

No entanto, as participantes da pesquisa destacam que, para além da possibilidade de sofrer agressão física, há também o medo de sofrer violência simbólica seja por parte dos clientes que querem oprimir ou dos amigos e familiares que não as aceitam como são e, por vezes, passam a excluí-las do convívio familiar. Outra participante da pesquisa de pós-doutorado, Gabi, revela que alguns clientes não buscam por serviços sexuais, mas parecem sentir prazer em oprimir as prostitutas.

Tem uns clientes que você vai pro quarto e, chega ao quarto, ele quer só esculachar você. Ele não quer fazer sexo com você, ele quer te esculachar, te oprimir, deixar você muito triste, entendeu? Várias coisas aconteceram comigo já. Eu em cima do cara e o cara rindo da minha cara! Estou falando sério, o cara tipo psicopata, filha! E dava risada e não sei o quê, então numa dessa eu falei, meu, o quê que eu estou fazendo aqui?

Cabe ressaltar que o medo não funciona como fator imobilizador que cerceia a ação de prostitutas de modo a anular a agência dessas mulheres. O medo funciona como um alerta que indica a necessidade de apurar os sentidos visando a ampliar a leitura da realidade e a intencionalidade das relações estabelecidas. Todavia, é importante destacar que a condição de ser/estar prostituta configura-se como resposta frente a uma realidade vivida anteriormente, a qual essas mulheres não quiseram se adaptar, por isso, o ingresso nessa atividade consolida-se como um passo dado em direção a novas possibilidades de ser e viver. Destarte, afirmar-se como prostituta é também uma grande ousadia dessas mulheres que, insatisfeitas com a situação vivida, em vez de se adaptarem, passaram a fazer vida na noite atribuindo novos sentidos a si e à prática da prostituição.

Desvelar os significados que essas mulheres tecem para o ingresso e permanência nessa prática social favorece a percepção de que a vida da prostituta não é marcada apenas por medo, mas também por muita ousadia. Os depoimentos cedidos pelas mulheres participantes das pesquisas engendram o entendimento de que a prostituta não é uma vítima que se tornou puta pelas vicissitudes de vida, pelo contrário, suas falas parecem indicar que o fazer-se puta pode ser uma resposta dada por essas mulheres diante da recusa em aceitar estruturas desumanizantes que permeiam outras instituições sociais tais como a família, o casamento e o trabalho.

Algumas mulheres destacaram que ingressaram na prática da prostituição para obter condição financeira a fim de emancipar-se do controle exercido por seus pais ou por seus maridos. Fátima (participante da pesquisa de doutoramento) e Luciene (participante da pesquisa de pós-doutoramento) mencionaram que seus pais não as deixavam sair e que controlavam excessivamente a sua sexualidade, de tal forma que elas não podiam sair

para se divertir ou namorar. A respeito desse controle Fátima diz:

Meu pai era uma pessoa muito brava, muito brava! Eu nunca me dei com ele, a gente nunca se entendeu. Era briga, mas briga feia mesmo, sabe? Ele batia, eu tinha uma raiva dele, mas uma raiva dele, ele me batia, eu queria morrer. A gente não podia arrumar namorado, não podia ficar lendo, não podia fazer nada, sabe? Não podia se divertir, era da escola para casa.

O ingresso na prática da prostituição para algumas mulheres apresenta-se como uma maneira de representar sua insatisfação com relação a essa ideologia que permite aos homens vivenciar distintas experiências sexuais e que impõe às mulheres o sexo vinculado ao casamento e à reprodução (SOUSA, 2012). O depoimento de Flávia ilustra essa insatisfação:

Ah, foi mais vingança mesmo. Me separei e daí eu falei assim, ah, quer saber? Meu marido me traiu, assim, quando eu era casada, ele veio na noite, né, e eu fiquei sabendo. Ai eu falei, agora o negócio é o seguinte, agora quem vai pra zona sou eu! E então, estou até agora.

As participantes da pesquisa apresentam uma percepção crítica acerca do preconceito que recai sobre a mulher que ousa ter múltiplos parceiros e que faz sexo desvinculado do amor. Algumas das mulheres denunciaram que foram alvo desse preconceito, especialmente aquelas oriundas de cidades de pequeno porte, elas destacaram que, mesmo antes de começarem a cobrar pela prestação de serviços sexuais, já eram taxadas como putas por ousarem ter múltiplos parceiros sexuais. O depoimento de Luza – participante da pesquisa de pós-doutoramento e presidente da Associação de Prostitutas da Paraíba – ilustra essa assertiva:

É eu já fui sabendo. Eu fui porque eu quis, eu fui sabendo que ia fazer programa. Mesmo porque no tempo eu era muito jovem, eu gostava muito de balada, de sair e não sei o quê. E aí sempre, cada noite era uma curtidão, um namorado, um ficante diferente, né? A mulher transa com tantos homens por que não vai pro cabaré ganhar dinheiro? Eu disse, é mesmo, né? Aí eu fui e comecei a ganhar dinheiro, aí eu gostei e estou até hoje.

Contrariando abordagens teóricas que insistem em retratar o ingresso na prostituição como uma experiência opressiva e degradante na vida das mulheres, tais como as formuladas por Lipszyc (2003), Pateman (1993), Swain (2004) ou ainda os discursos proferidos pelo Grupo Feminista Mulher Ética e Libertação, algumas prostitutas significam de forma positiva o exercício dessa ocupação como podemos observar no depoimento de Gislaine, participante da pesquisa de doutoramento. De acordo com Gislaine, a prostituição sempre existirá já que:

[...] do mesmo jeito que tem mulher que o prazer dela é ser mulher, mãe, dona de casa e sente prazer em cozinhar pro maridinho, sempre vai existir mulher que tem sonho de casar, e sempre vai existir mulher que o sonho e o prazer é esse é ter tudo o que ela encontra aqui dentro (*referindo-se à zona*). Tudo, até as brigas, as confusões atraem pra falar a verdade, até os problemas, o que você tem na zona, às vezes, quando você sai, você sente falta.

Algumas prostitutas significam o ingresso na prática da prostituição como forma de sair de ambientes de trabalho onde sofriam com o controle excessivo de padrões em relação a seus comportamentos e suas roupas. O depoimento de Gabi ilustra essa assertiva:

Eu trabalhei em cozinha, em lava rápido, escola de informática, em telemarketing. Ah, eu não vou falar que eu gostava não! Eu sempre arrumo briga, então, aqui não (*referindo-se ao trabalho sexual*), entendeu? Eu não gosto dos outros ficarem mandando em mim, eu acho que não dá muito certo os outros ficarem mandando. Então eu gosto de coisa fácil, entendeu? Não tem muito esforço, ninguém fica te mandando nada, você faz o que você quer, se quiser ficar só sentada, fica só sentada, se quiser beber, você bebe, entendeu?

Corroborando esse entendimento, Marli – participante da pesquisa de pós-doutoramento e integrante da APROS-PB– diz que muitas mulheres abandonam a prática da prostituição, mas acabam voltando porque não se adaptam às exigências impostas a elas em outras ocupações, sobretudo, no tocante à falta de flexibilidade na escala de trabalho.

Tem menina que diz “Ai, eu não aguento essa vida”! Aí vai e arruma um emprego, aí não passa um mês e de repente volta. “E por que tu voltaste?” “Não, porque aqui a gente fica no dia que quer, no dia que não quer, não trabalha”. Aí diz que não gosta. Tem mulher que vive há mais de vinte anos na zona e diz que não gosta e faz vinte anos. Imagina se gostasse, hein?

Considerações

O diálogo e convívio metodológico com prostitutas desvelaram que, por meio dos saberes de experiência, elas vão tomando conhecimento da opressão que recai sobre as mulheres, notadamente, sobre aquelas que exercem prostituição. Percebendo os mecanismos de opressão que visam a excluí-las da totalidade (confinamento de zonas de prostituição em lugares afastados da cidade, xingamentos e estereótipos, violência física e simbólica, depreciação da mulher que possui múltiplos parceiros sexuais etc.), as prostitutas passam a afirmar o seu valor, sua humanidade, contrapondo-se aos dispositivos que tentam relegá-las à invisibilidade e a negar sua existência.

Nesse processo de afirmação, tanto denunciam estruturas desumanizantes e opressoras como anunciam novas possibilidades de ser/estar no mundo. Certamente, como processo dialético, o afirmar-se é marcado por contradições, conflitos, idas e vindas, mas sempre impulsionado pelo desejo de ir além. E como bem aponta Merleau-Ponty (2006: 611), só posso ir além se me entranho “no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço”.

Esse processo de busca por liberdade requer o enfrentamento do medo e exige que essas mulheres ganhem, paulatinamente, a confiança necessária para mostrar seu rosto, sua voz e para ousar experimentar novas formas de ser e estar no mundo configurando o movimento que Gabriela Leite⁵ (2009b) denominava como “sair debaixo do tapete”.

5 Precursora do movimento de organização de prostitutas no Brasil, fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas, da ONG Davida e da grife Daspu. Foi prostituta e dedicou sua vida a luta em defesa dos direitos e protagonismo das mulheres prostitutas, tendo falecido em outubro de 2013.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CASTILHO, Ela. (2008). “A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero?”. In: *Cadernos Pagu*, n.31, pp. 101-123, jul/dez.
- FONSECA, Cláudia. (2004). “A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. pp. 257-282.
- FREIRE, Paulo. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (2003). *Política e educação: ensaios*. 7ª ed. São Paulo: Cortez.
- GIDDENS, Anthony. (2009). *A constituição da sociedade*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. (2002). “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.19, pp. 20-28, jan./abr.
- LEITE, Gabriela. (2009). *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- _____. (2009b). *Entrevista cedida ao programa Roda Viva*. TV Cultura, Jun./2009. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/723/entrevistados/gabriela_leite_2009.htm>. Acesso em: 13/dez./2009.
- LIPSZYC, Cecilia. (2003). *Prostitución o esclavitud sexual?*. Lima: CLADEM.

- MARTIN, Denise. (2003). *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: Fapesp.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (2006). *Fenomenologia da percepção*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MORAES, Aparecida Fonseca. (1995). *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. (2010). *Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- _____. (2011). “Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 75, v. 26, pp. 89-101, fev.
- _____. (2013). *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez et al. (2014). “Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais”. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (orgs). *Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, pp. 29-46.
- PASINI, Elisiane. (2005). *Os homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- PATEMAN, Carole. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PISCITELLI, Adriana. (2004). “Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 283-318.
- _____. (2005). Dossiê gênero no mercado do sexo. In: *Cadernos Pagu*, n. 25, Campinas, pp. 7-23, jul./dez.
- _____. (2006). Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 35, pp. 13-55, jul./dez.
- _____. (2007). Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 64, pp. 17-32, jun.
- _____. (2008). Entre as máfias e a ajuda: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. In: *Cadernos Pagu*, n. 31, pp. 29-63, dez.
- _____. (2013). *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SIMÕES, Soraya Silveira. (2010). *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF, 2010.
- SOUSA, Fabiana Rodrigues. (2012). *A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*. Tese (Doutorado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- _____. (2007). *Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- SWAIN, Tânia. (2004). “Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica”. In: *Revista Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 6, n. 2, pp. 23-28, jul/dez.